



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

DO TRABALHO NECESSÁRIO AO TRABALHO “SUPÉRFLUO”: a realidade dos trabalhadores no perímetro irrigado Curaçá em Juazeiro-Ba

Leandro Cavalcanti Reis

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Sergipe.
Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as
Políticas de Reordenamento Territorial - GPECT
E-mail: leandro_creis@hotmail.com

Alexandrina Luz Conceição

Orientadora e professora do NPGeo – UFS.
Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as
Políticas de Reordenamento Territorial - GPECT
E-mail: aluz@oi.com.br

O trabalho ocupa uma posição central na questão social, sobretudo, a partir de duas condições fundamentais: de um lado porque para sobreviver e (re)produzir as condições de sua existência, o homem (enquanto ser social) precisa transformar a natureza, e nesse processo, ao passo em que transforma a natureza, transforma-se a si mesmo e a sociedade. A necessidade de busca da extração incessante de lucro pelo capital vem promovendo uma intensa barbarização, que atinge, sobretudo, os trabalhadores, por meio da perda dos direitos trabalhistas, da precarização do trabalho, do desemprego estrutural; das condições de vida, na cidade e no campo.

O trabalho na concepção marxiana é compreendido como primeiro pressuposto na condição ontológica do Ser, que é o de existir como garantia da sua necessidade vital, e como segundo pressuposto na sua condição social de existência que é ser produtor de riqueza social. É nesta direção que se reflete sobre os reflexos do contínuo avanço do capital e sobre a enorme massa de trabalhadores expropriados dos meios fundamentais de sua reprodução (condições ontológicas do existir) em detrimento da acumulação e da exploração do trabalho.

Para se reproduzir o capital aumenta as desigualdades sociais e espaciais promovendo alterações catastróficas na subordinação do trabalho, agravado pela destruição da natureza e, contraditoriamente, do próprio ser humano. Ou seja, a necessidade da busca da extração incessante de lucro vem promovendo uma intensa barbarização, que atinge, sobretudo, os

trabalhadores, por meio da perda dos direitos trabalhistas, da precarização do trabalho, do desemprego estrutural; das condições de vida, na cidade e no campo.

Segundo Sousa (2010), a expansão do capital ocorre mediante a necessidade de conquistar novos espaços para a exploração do trabalho e conseqüentemente a ampliação do lucro. Tal fato pôde ser evidenciado em nível mundial, após 1945 e a década de 1970 do século XX, atingindo o Brasil e particularmente o Submédio São Francisco. Para a autora, “ao expandir-se em escala mundial, o capital redefine não só antigas relações como criam novas estratégias para subordinar todas as formas de produção no campo e na cidade necessárias à sua reprodução e acumulação” (SOUSA, 2009, p. 1).

Em meio a esse cenário, nota-se que o capital continua se territorializando no campo empreendendo discursos de melhoria da qualidade de vida da população a partir da geração de emprego e renda.

É no contexto da produção do espaço moldado para o capital, que se encontram os perímetros irrigados de Juazeiro-BA, com destaque para o Perímetro Irrigado Curaçá, localizado a 70 km de Juazeiro, fundado em 1981, com área de 15.412 ha, divididos em 24 lotes agrícolas empresariais e 266 lotes de pequenos produtores, dos quais 6.437 ha de área produtivas são de grandes empresas e 5.739 de pequenos produtores.

Nessa direção a referente pesquisa de Dissertação de Mestrado que está em andamento, tem como objetivo analisar o avanço do capitalismo no campo e as condições de trabalho dos que se empregam nas empresas agrícolas do Perímetro Curaçá.

A pesquisa está centrada no método histórico dialético, por possibilitar reflexões capazes de compreender o fato histórico na sua totalidade (inserido num sistema mais amplo de relações) e, dessa forma, se negar a permanecer na superfície aparente dos fenômenos. Destaca-se ainda, pelo fato de compreender a realidade atual nas múltiplas determinações na sua dimensão histórica concreta em movimento.

Segundo Conceição (2005), quanto mais o capital objetiva lucro, mais gera antagonismos. Por outro lado, ao repassar lucros iguais, não há acumulação de riqueza, e sim a distribuição simples de partes iguais, equitativas, sem concentração, sem desigualdade, sem miséria. Desse modo, para a autora, a categoria território é fundamental para compreender a realidade conflituosa da produção capitalista do espaço em movimento. Pois, segundo Conceição (2005, p. 169), “permite observar que a espacialização da miséria se territorializa a partir das relações de poder, de domínio dos fluxos de mercado, que são controlados por quem domina o afluxo de capitais”.

Identificamos, até o momento, entre as empresas que se territorializaram, na área de estudo e tem se apropriado do espaço agrário para a reprodução do capital, entre estas destacam-se: Curaçá Agrícola, Nova Fronteira, Frutex, Global Fruit, Ibacem, Ducoco, Coop Agrícola. Entre os cultivos destacam-se a produção de uva, manga e coco.

A necessidade a extração incessante de lucro tem materializado as mais variadas combinações entre subordinação, sujeição, expropriação do trabalho pelo capital e pelo Estado, tanto na cidade como no campo (THOMAZ JÚNIOR, 2004). Dentro dessa perspectiva, o trabalho no Submédio São Francisco apresenta uma realidade bastante complexa, pois, são várias combinações de atividades laborais realizadas pelos trabalhadores e trabalhadoras para conseguirem o sustento da família. Assim, é muito comum que um ou mais membros da família, inclusive da família camponesa, exerça trabalho assalariado nas fazendas do agronegócio. Sendo, o trabalhador assalariado: permanente e temporário (diarista, safrista), uma realidade em expansão na região.

Em sua análise, Thomaz Júnior (2004) explica que: não bastasse a polêmica que gira em torno das dificuldades de entendimento das sobreposições e da plasticidade rompidas entre as diferentes formas de externalização do trabalho e a expressão disso nas formas geográficas que o trabalho assume no âmbito do metabolismo do capital, envolvendo uma constante rearrumação territorial que tem na territorialização, na desterritorialização e na reterritorialização as evidências referenciais para entendermos o que da formalidade passa pelas diferentes dimensões da informalidade e atinge, com mais ou menos intensidade, todo o tecido social e particularmente os trabalhadores, as formas de contratação, de remuneração, de representação/organização política etc.; tudo isso estimula a pensar que há um tensionamento favorável ao rompimento das fronteiras (intelectual e política), que nos mantêm distantes da compreensão das mutações que atingem frontalmente a classe trabalhadora, particularmente no Brasil.

Mészáros (2003) considera que, o século à frente deverá ser do socialismo ou barbárie, caso os desafios históricos postos diante do movimento socialista não sejam enfrentados com sucesso enquanto ainda há tempo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009, 286p.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A geografia do espaço da miséria. **Scientia Plena**, Sergipe, vol. 01, n. 06, 2005.

IASI, Mauro Luis. **Marx e a crise: os fantasmas, agora, são eles**. Disponível em: <www.socialismo.org.br>. Acesso em: 12 de dez. de 2009.

MARX, Karl. Processo de valor e processo de valorização. In: Antunes, Ricardo. **A dialética do trabalho**: Escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular. 2004. p. 29-56.

MÉSZÁROS, Istiván. **O século XXI**: socialismo ou barbárie?. São Paulo: Boitempo, 2003. 118p.

SOUSA, Raimunda Áurea Dias de. **O antigo e o moderno no campo brasileiro**: uma reflexão a partir da teoria agrária. In: IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária e V Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, Ronilson Barboza de. **O avanço do capitalismo no campo e o trabalho: entre a liberdade e a escravidão**. “Monografia de graduação”. Universidade de Pernambuco (UPE), Petrolina-PE, 2011, 54p.

_____, Ronilson Barboza de; SOUSA, Raimunda Áurea Dias de. **Do discurso de desenvolvimento do Estado à dura realidade da população: uma análise da expansão capitalista no Vale do São Francisco**. In: XI Jornada do Trabalho – Trabalho e as escalas da práxis emancipatórias: autonomia de classe frente à territorialização do capital. João Pessoa-PB: UFPB, 2010.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. A (des)ordem societária e territorial do trabalho: os limites para a Unificação Orgânica. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela / Paz e Terra. 2004. p. 71-82.

Eixo Temático: Análise Agrária